

Nº 11

Primavera
2008



PELA CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES E HABITATS NATURAIS

madressilva



**VALE DA
BENÉMOLA**



**MOCHOS E
CORUJAS**

Carvalhais, azinhais e sobreirais, 4

Gato-bravo, 8 Olulu, 12

Almanaque, 2 Observatório, 9 Biosfera, 10

Imanaque da Natureza



AGENDA		
Março	20	Equinócio da Primavera: 5h48.
	21	Dia Mundial da Floresta.
	21	Lua Cheia. Marés vivas.
	22	Dia Mundial da Água.
	29	Quarto Minguante. Marés mortas.
Abril	30	À 1h00 adiantar os relógios 60 minutos.
	1	Nascimento: 7h19. Ocaso: 19h54.
	6	Lua Nova. Marés vivas.
	8	Dia Mundial contra os Transgênicos.
	12	Quarto Crescente. Marés mortas.
	20	Lua Cheia. Marés vivas.
	22	Dia da Terra.
	22	Chuva de meteoros (Líridas).
	28	Quarto Minguante. Marés mortas.
	1	Nascimento: 6h37. Ocaso: 20h21.
Maio	5	Lua Nova. Marés vivas.
	6	Chuva de meteoros (Aquáridas).
	12	Quarto Crescente. Marés mortas.
	20	Lua Cheia. Marés vivas.
	22	Dia Internacional da Biodiversidade.
Junho	28	Quarto Minguante. Marés mortas.
	1	Nascimento: 6h14. Ocaso: 20h46.
	3	Lua Nova. Marés vivas.
	5	Dia Mundial do Ambiente.
	10	Quarto Crescente. Marés mortas.
	17	Dia Mundial contra a Seca e a Desertificação.
	18	Lua Cheia. Marés vivas.
21	Solstício de Verão: 0h59.	

CHEGAM AS JOANINHAS

Com os primeiros dias quentes da Primavera, a joaninha-de-sete-pintas (*Coccinella septempunctata*) torna-se activa, abandonando os locais soalheiros em muros ou encostas expostas a sul onde passou o Inverno. Desloca-se então, por vezes em grandes grupos, até às zonas agrícolas ou jardins onde facilmente encontra pulgões e outros pequenos insectos de que se alimenta. Cada joaninha pode devorar mais de uma centena de presas por dia, o que dá realmente uma boa ideia acerca da utilidade destes insectos no controlo natural de pragas. Em breve se inicia a época da reprodução, acabando as fêmeas por depositar pequenos grupos de ovos dourados sob uma folha, bem perto de alguma colónia de pulgões. Ao fim de 4 dias nascem as larvas que parecem crocodilos minúsculos e cinzentos com manchas amarelas nos flancos. Também elas se alimentam avidamente de pulgões e, em três semanas, chegam a alcançar perto de um centímetro de comprimento. Entram então na fase de pupa, agarradas a uma folha. Uns oito dias depois, a metamorfose completa-se emergindo das pupas os jovens adultos. Com a chegada do Verão, as joaninhas podem procurar lugares mais frescos, efectuando então novas deslocações por vezes a grande distância.



AMORES SUBTERRÂNEOS

Intensos gorjeios abalam a pacatez do solo da pastagem. Dois machos de toupeira-ibérica (*Talpa occidentalis*), quase completamente cegos e surdos, lutam tenazmente no interior do complexo sistema de galerias subterrâneas. Chegou a época da reprodução e a primazia por uma fêmea é assunto que não pode entregar-se de mão beijada a um rival. Mas em breve a calma reinará novamente. As fêmeas grávidas voltarão para o interior das suas galerias e cerca de um mês depois, normalmente entre Abril e Junho, dão à luz 3 ou 4 crias. Já em pleno Verão, as pequenas toupeiras abandonam de vez o ninho materno, procurando um lugar adequado para escavar a sua própria galeria e começar uma vida nova.



TRUFAS DA SERRA

Os cogumelos hipogeos, que vivem debaixo da terra, como as trufas, são difíceis de detectar. No entanto, como vivem habitualmente associados simbioticamente a diversas plantas (micorrizas) podemos descobri-los se procurarmos em volta da planta certa. No caso da batata-da-terra (*Terfezia leptoderma*), a tarefa fica facilitada uma vez que este cogumelo, com o aspecto de uma pequena batata com 2 a 5 cms de diâmetro, vive associado com as raízes do alcar-moqueado (*Tuberaria guttata*), também chamado erva-das-túbaras. Esta planta anual, muito comum nos estevais e montados serranos, floresce a partir de Abril, sendo então possível investigar a presença de cogumelos enterrados com o auxílio de um pau com a extremidade provida de um estilete afiado. A batata-da-terra possui uma carne branca ou rosada, suavemente aromática e com sabor a nozes. Acompanhada de manteiga, constitui um petisco muito apreciado.



SAUDÁVEL LIMPEZA NATURAL

Abundante por todo o lado em campos, jardins, baldios, margens de estradas e caminhos, o dente-de-leão (*Taraxacum officinale*) não recebe normalmente a atenção que merece. As suas inflorescências amarelas aparecem agora na extremidade de longos pedúnculos, naquela que é geralmente a primeira das duas florações anuais. Cada capítulo é formado por dezenas de flores liguladas (em forma de língua) que originam pequenos frutos acastanhados com uma só semente (cipselas), providos de uma coroa de pelos (papião) que os ajudam a ser dispersados pelo vento ou por animais. O dente-de-leão propaga-se quase sempre por apomixia, um método de reprodução assexuada em que são produzidas sementes geneticamente semelhantes à planta-mãe. Toda a planta é rica em vitaminas A, PP e C, contendo ainda taraxacina, uma substância amarga semelhante à chicória. É um remédio excelente para activar a evacuação da vesícula biliar e promover a limpeza dos rins. As raízes, tostadas e moídas, utilizam-se como substituto tónico e digestivo do café. As folhas jovens, ainda esbranquiçadas, são deliciosas em salada. Os pedúnculos e os botões florais imaturos podem ser postos em conserva à maneira de alcachofras. O suco leitoso da planta e a água de flores usa-se para limpar a pele e tratar verrugas.



INTRUSO NO NINHO

Pegas e gralhas em vésperas de acasalar, tenham cuidado ! O cuco-rabilongo (*Clamator glandarius*) anda de olho em vocês... Tendo chegado bem cedo (Janeiro ou Fevereiro) dos seus quartéis de Inverno no norte de África, os cucos-rabilongos, que ao contrário dos verdadeiros cucos não emitem o som que lhes deu o nome, esperam pacientemente que as aves que lhes vão incubar os ovos iniciem a reprodução. Geralmente a partir de Março, a fêmea, ajudada pelo macho, procura iludir a vigilância dos hospedeiros, de forma a depositar um ovo no seu ninho já ocupado pelos ovos legítimos. Durante 2 meses pode assim espalhar mais de 15 ovos em ninhos alheios. Se bem que a partir daí, todo o trabalho de incubação e alimentação seja assumido pelas aves hospedeiras, o casal de cucos-rabilongos visita regularmente os ninhos parasitados, podendo mesmo defendê-los do ataque de predadores. A cria de cuco-rabilongo pode conviver com as outras crias mas os padrões do seu comportamento conseguem influenciar de tal modo os pais de aluguer que estes chegam a deixar morrer à fome os filhos legítimos. Tendo em conta que pegas e gralhas são habituais



predadores dos ninhos de outras aves mais pequenas, a presença do cuco-rabilongo acaba, no entanto, por ser globalmente benéfica no que respeita o equilíbrio da avifauna local. Os cucos-rabilongos adultos abandonam os locais de reprodução a partir de Junho, enquanto os jovens se juntam em grupos, provavelmente para aprender a viver como cucos, migrando apenas em Agosto.

BARBOS À VISTA

Os barbos são os peixes ciprinídeos mais importantes dos nossos rios em termos de biomassa, podendo atingir tamanhos consideráveis. Distinguem-se dos restantes peixes desta família por possuírem dois característicos pares de barbilhos no lábio superior. Cardumes de barbos-do-sul (*Barbus sclateri*), espécie que não ultrapassa os 40 cms de comprimento, abandonam agora as zonas mais profundas e tranquilas dos principais cursos de água algarvios para se deslocarem até às águas superficiais, agitadas e oxigenadas de montante das ribeiras. Aí, sobre fundos pedregosos providos de alguma vegetação, as fêmeas libertam até 14 mil óvulos com o aspecto de diminutas pérolas brancas, de imediato fecundados pelos machos. Durante uma ou duas semanas, os embriões desenvolvem-se no interior do seu invólucro transparente, permanecendo à mercê de um sem número de predadores aquáticos. Mas muitos acabam por se transformar em larvas, assegurando assim a sobrevivência de uma nova geração de barbos.



COMPLICADAS VIDAS DE ALFORRECA

A medusa-da-lua (*Aurelia aurita*) vive geralmente no mar alto mas pode por vezes ser encontrada arrojada em grande número nas praias. A umbela gelatinosa, com uns 25 cms de diâmetro, suporta quatro grandes tentáculos em volta da boca central e numerosos tentáculos marginais mais pequenos, ambos urticantes. Na Primavera, os espermatozoides do macho são ingeridos pela fêmea, concretizando-se a fecundação em plena cavidade gástrica. Os embriões mantêm-se agarrados aos tentáculos orais maternos durante algum tempo, transformando-se depois em larvas com vida livre (*planulae*). Em breve, estas larvas fixam-se a um substrato iniciando um período de vida sésil (*cifistoma*) durante o qual nascem pequenas medusas por reprodução assexuada (gemulação). Cerca de 3 meses depois, em pleno Verão, as medusas atingem a idade adulta, altura em que poderão dar-se encontros desagradáveis com os banhistas nas praias.



CALDO VERDE MARINHO

Os talos tubulares de alga-enteromorfa (*Ulva intestinalis*) começam agora a encher de verde vivo as poças de água que a maré vazia deixa entre as rochas. Crescendo cerca de um centímetro por semana, podem atingir um tamanho entre 20 e 30 cms, mantendo-se agarrados ao



substrato através de uma base discoidal. Esta espécie produz alternadamente gâmetas sexuais e esporos assexuais, ambos muito móveis devido à presença de flagelos. O ciclo anual termina lá para o final do Verão, formando-se então massas esbranquiçadas de algas em decomposição. Os apreciadores de um toque exótico e oriental na culinária poderão consumir esta alga, depois de lavada e seca, conservada em vinagre ou simplesmente aquecida com um pouco de azeite numa frigideira.

VIOLINOS NA LAMA

Com a chegada dos dias mais quentes da Primavera, aparecem à superfície dos sapais e lodaças marinhas as primeiras bocas (*Uca tangeri*), após um período mais ou menos prolongado de hibernação passado no fundo dos respectivos buracos. Pertencente ao grupo dos chamados caranguejos-violinistas, este animal é caracterizado pelo anormal desenvolvimento, apenas nos machos, de uma das queliceras (pinças alimentares). É



aliás a única parte do corpo do caranguejo procurada e consumida como petisco, sobretudo no Sotavento Algarvio, o que não implica normalmente a sua morte pois os apanhadores sabem que a pinça voltará a crescer, embora nem sempre de modo perfeito. A sua única função tem a ver com as lutas rituais entre machos e o cortejamento das fêmeas, obrigando os primeiros a dedicarem relativamente mais tempo às tarefas alimentares já que apenas podem contar com uma das pinças para recolher os restos vegetais que procuram na maré vazia. Os acasalamentos e as posturas podem prolongar-se até ao início do mês de Agosto. As fêmeas mantêm os ovos e embriões alojados no seu abdómen, largando-os depois já na fase de larva durante uma maré cheia.

RUBOR DE LAGARTO

A lagartixa-do-mato-comum (*Psammodromus algirus*) é a maior das nossas lagartixas, podendo atingir um comprimento de 30 cms, mais de dois terços dos quais correspondem à cauda. Por esta época, é possível observar os machos engalanados com a sua vistosa librê de acasalamento: garganta e lados da cabeça alaranjados, algumas manchas azuis nos flancos. Movimentam-se geralmente com rapidez entre a manta-morta do solo de montados, eucaliptais e pinhais arenosos em busca de alguma fêmea receptiva, facilmente identificada pela sua coloração acastanhada mais ou menos uniforme. Em Maio ou Junho ocorrem as posturas, geralmente duas, compostas por 2 a 11 ovos. Os nascimentos terão lugar lá bem para o final do Verão, sendo as pequenas lagartixas já muito semelhantes aos pais, embora com tons mais alaranjados em volta da zona de inserção das patas posteriores.





Os carvalhais, azinhais e sobreirais cobriam outrora a maior parte do nosso território. Explorados pela lenha, madeira e outros produtos florestais, muitos destes bosques desapareceram entretanto, dando lugar a espaços agrícolas e florestais.



Os bosques ancestrais de carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*)¹, carvalho-de-Monchique (*Quercus canariensis*)², sobreiro (*Quercus suber*)³ e azinheira (*Quercus rotundifolia*)⁴ são florestas densas, quase impenetráveis, sombrias e húmidas, que comportam vários níveis de vegetação: árvores, arbustos, ervas e trepadeiras. Subsistem hoje apenas sob a forma de bosquetes ou manchas residuais, refugiados em locais pouco acessíveis, barrancos apertados e encostas mais declivosas. Entre as espécies com porte arbóreo ou arbustivo que ocorrem, de forma geral, nestes bosques, podem referir-se o folhado (*Viburnum tinus*)⁵, o medronheiro (*Arbutus unedo*), a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), o trovisco (*Daphne gnidium*), a murta (*Myrtus communis*), a madressilva-mediterrânica (*Lonicera implexa*), o aderno-de-folhas-largas (*Phillyrea latifolia*), o zambujeiro (*Olea europaea sylvestris*), o zimbro (*Juniperus turbinata*) e a aroeira (*Pistacia lentiscus*), para além de alguns arbustos espinhosos como o tojo-do-sul (*Genista hirsuta*), o tojo-molar (*Genista triacanthos*)⁶ e o espargobravo (*Asparagus acutifolius*). Muito frequentes são também trepadeiras e lianas como a salsaparrilha-bastarda (*Smilax aspera*), a ruiva-brava (*Rubia perigrina*)⁷, a erva-cavalinha (*Aristolochia baetica*), a uva-de-cão (*Tamus communis*) ou a clematite-aromática (*Clematis flammula*). Ao nível do solo surgem algumas plantas vistosas como a rosa-albardeira (*Paeonia broteroi*)⁸, o jacinto-dos-campos (*Hyacinthoides hispanica*)⁹, a marioila (*Phlomis purpurea*) ou a albarã-do-Perú (*Scilla peruviana*), para além de espécies mais modestas mas igualmente características destes bosques como a avenca-negra (*Asplenium onopertis*)¹⁰, o carriço (*Carex distachya*), o orégão (*Origanum virens*) ou a erva-das-sete-sangrias (*Lithodora lusitanica*).



Carvalhais (Habitat 9240)

Os carvalhais marcescentes (com folha semi-caduca) dominados pelo carvalho-cerquinho e pelo carvalho-de-Monchique sobrevivem, respectivamente, em zonas da Serra e do Barrocal mais expostas ao quadrante norte, e em raros pontos da Serra de Monchique quase sempre já englobados em sobreirais. Para além das espécies comuns a todos estes bosques e que acima já foram referidas, no Barrocal, o carvalho-cerquinho surge associado a outras árvores e arbustos como a azinheira (*Quercus rotundifolia*), a alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*), o aderno-bastardo (*Rhamnus alaternus*), o espinheiro-preto (*Rhamnus oleoides*), a palmeira-anã (*Chamaerops humilis*) e a cornalheira (*Pistacia terebinthus*), sendo ainda frequentes espécies como as candeias (*Arisarum vulgare*), a flor-do-vento (*Anemone palmata*), a orelha-de-lebre (*Bupleurum paniculatum*) e orquídeas como a heleborinha-comum (*Epipactis tremolsii*), a cefalantera (*Cephalanthera longifolia*) e o satirião-manchado (*Neotinia maculata*)¹¹. Nos bosquetes de carvalho-de-Monchique, o destaque vai para o titimalo-de-Monchique (*Euphorbia monchiquensis*)¹², uma planta endémica daquela região.

Sobreirais (Habitat 9330)

Os verdadeiros sobreirais da Serra Algarvia não devem ser confundidos com os montados de sobro, bosques abertos intimamente associados a uma exploração agro-silvo-pastoril permanente do território. Como espécies diferenciadoras deste tipo de habitat, podem referir-se a urze-branca (*Erica arborea*), a esteva (*Cistus ladanifer*), a roselha (*Cistus crispus*)¹³, o estevão (*Cistus populifolius*), o rosmaninho-verde (*Lavandula viridis*)¹⁴, a torga (*Calluna vulgaris*) e o junco-mediterrânico (*Luzula forsteri*). Na zona de Monchique sublinha-se a presença nestes sobreirais de arenária-do-monte (*Arenaria montana*) e da erva-loira-de-Monchique (*Senecio lopezii*), esta última uma espécie endémica.

Azinhais (Habitat 9340)

Também aqui se torna necessário distinguir os relativamente raros azinhais primordiais que ainda podem ser encontrados no Barrocal e no Baixo Guadiana, das formações mais abertas de montado de azinho presentes sobretudo nos planaltos do nordeste algarvio. A acompanhar a azinheira nestes bosques aparecem o carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*), o carrasco (*Quercus coccifera*), o aderno-bastardo (*Rhamnus alaternus*), o espinheiro-negro (*Rhamnus oleoides*), a palmeira-anã (*Chamaerops humilis*), a alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*), a cornalheira (*Pistacia terebinthus*)¹⁵ e o jasmineiro-do-monte (*Jasminum fruticans*)¹⁶, para além de outras espécies acima referidas.





Formada a partir da confluência das Ribeiras dos Moinhos e do Rio Seco, a Ribeira da Fonte Benémola estende-se ao longo de 4,5 kms até juntar as suas águas com as da Ribeira das Mercês originando, finalmente, a Ribeira de Algibre/Quarteira, a cuja bacia hidrográfica, portanto, todos estes cursos de água pertencem. Fortemente encaixado, a norte, nas formações calcárias do Barrocal, o Vale da Benémola abre-se mais a sul, ao atravessar uma estreita faixa de



terrenos xistosos. Devido à existência de várias nascentes e de açudes em boas condições, a Ribeira da Fonte Benémola mantém água ao longo de todo o ano em cerca de 60% do seu curso, o que confere a esta zona húmida características ímpares no contexto geral do interior algarvio.

A existência de uma galeria quase contínua de vegetação ribeirinha é, disso, um claro testemunho. Entre outras espécies aqui ocorrem o salgueiro-branco (*Salix alba*), a borrazeira-branca



(*Salix salvifolia*), o freixo-de-folha-estreita (*Fraxinus angustifolia*), o loendro (*Nerium oleander*) e a tamargueira (*Tamarix africana*), para além de extensas formações de cana (*Arundo donax*). Nos aluviões das várzeas fazem-se diversas culturas de regadio, com relevo para o milho, citrinos e hortícolas.

Nos cerros e encostas que dominam o vale, predominam os azinhais e matos característicos do Barrocal, ocorrendo também algumas manchas do característico pomar de sequeiro (amendoeira, alfarrobeira, oliveira, figueira), em grande parte ao abandono. A zona de terrenos xistosos encontra-se parcialmente coberta por montado de sobre.



A fauna aquática encontra no Vale da Benémola habitats tão diferenciados como açudes e zonas de águas remansosas, rápidos e zonas de águas correntes, fundos rochosos, arenosos ou lodosos, nascentes, levadas e canais de irrigação, poços e tanques, sendo por isso enorme a variedade de espécies animais. Entre os macroinvertebrados destacam-se, por exemplo, o camarão-de-água-doce (*Atyaephyra desmarestii*), o hidrófilo (*Hydrous pistaceus*) e o escorpião-de-água (*Nepa rubra*), estes últimos, dois dos nossos maiores insectos aquáticos.

O animal mais importante da ribeira é, no entanto, a lontra (*Lutra lutra*) que encontra alimento certo entre as diversas espécies de peixes que vivem nestas águas, como a enguia (*Anguilla anguilla*), o escalo-do-Arade (*Squalius aradensis*), a boga-do-sudoeste (*Chondrostoma almacai*) e o barbo-do-sul (*Barbus sclateri*).

Para os anfíbios como o sapo-comum (*Bufo bufo*), o sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternasii*) ou a salamandra-dos-poços (*Pleurodeles waltl*), a Ribeira da Fonte Benémola constitui um local seguro de reprodução, aqui nascendo anualmente milhares e milhares de animais. Répteis como o cágado-comum (*Mauremys leprosa*) e a cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*) são predadores igualmente abundantes.



A presença permanente de água atrai, por outro lado, uma grande profusão de aves que aqui se alimentam, nidificam ou encontram refúgio garantido. O guarda-rios (*Alcedo atthis*), a garça-real (*Ardea cinerea*), a galinha-de-água (*Gallinula chloropus*) e o borrelho-pequeno-de-coleira (*Charadrius dubius*) são algumas das espécies mais importantes.

Outros animais com presença significativa no Vale da Benémola são o bufo-real (*Bufo bufo*), super-predador mais importante na zona, a raposa (*Vulpes vulpes*), para além do javali (*Sus scrofa*). Apesar de bastante degradadas, as grutas da Salustreira, aqui situadas, albergam ainda importantes colónias de morcegos, nomeadamente de morcego-de-pelucho (*Miniopterus schreibersii*) e de morcego-rato-pequeno (*Myotis blythii*).



Localizado a noroeste de Querença (Loulé), o Vale da Benémola encontra-se integrado na Rede Nacional de Áreas Protegidas através do Decreto-Lei nº 392/91 de 10 de Outubro (Sítios Classificados da Rocha da Pena e Fonte Benémola). Está também inserido no Sítio Barrocal da Rede Natura 2000. No entanto, os valores naturais e paisagísticos do local têm vindo a atrair a cobiça de muitos interesses especulativos e imobiliários. A sul e a norte do vale perfilam-se dois projectos urbano-turísticos de grande dimensão (Quinta da Ombria, Corte Neto) que, a avançarem, irão ter enormes impactos negativos sobre a biodiversidade actualmente aqui existente.

Mochos e corujas

Mochos e corujas despertam sentimentos contraditórios nos seres humanos, umas vezes associados a superstições nefastas e à morte, noutras à sabedoria e clarividência.

Os mochos e as corujas são aves de rapina nocturnas agrupadas na Ordem *Strigiformes*, a qual inclui cerca de 220 espécies, distribuídas por todo o planeta à excepção da Antártida, grande parte da Gronelândia e algumas ilhas mais remotas.

As suas características mais distintivas são os olhos grandes e dirigidos para diante, envolvidos por um círculo de penas pequenas, duras e apertadas (disco facial). Também as aberturas auditivas externas são particularmente grandes, apresentando pregas de pele mais ou menos bem desenvolvidas, como uma orelha rudimentar. Sem surpresa, a visão e o ouvido são os sentidos mais usados por estas aves, respectivamente cem e mil vezes aqui mais apurados que no ser humano. Conseguem rodar a cabeça até 135°, de modo a avistar tudo o que se passa nas suas costas, mas só vêem bem ao longe, especialmente com condições de luminosidade fraca. Por sua vez, o disco facial ajuda a focar e canalizar os sons na direcção dos ouvidos, funcionando como uma antena parabólica.

O bico é curto, forte e em forma de gancho, com a base coberta de cera. As patas podem estar cobertas até à ponta dos dedos. Estes tendem a separar-se dois a dois (característica que os aproxima dos noctíbios, aves incluídas na Ordem *Caprimulgiformes*) e estão providos de garras fortemente recurvadas e pontiagudas. As asas são compridas, largas e arredondadas, equipadas com penas providas de um rebordo em franja que tornam o voo destas aves particularmente silencioso.

A grande maioria das espécies possui hábitos nocturnos, caçando pequenos mamíferos, pássaros ou insectos que engolem inteiros. Regurgitam depois as partes não digeríveis (ossos, pelos, penas, carapaças) sob a forma de uma característica bola compacta (egragópila), habitualmente utilizada pelos cientistas para estudar os hábitos alimentares de cada espécie.

Não existe qualquer cuidado especial na construção dos ninhos, sendo simplesmente utilizado algum local bem abrigado em cavidades de árvores, escarpas ou mesmo em construções humanas. Os ovos são geralmente brancos e esféricos.

Os termos coruja e mocho não possuem

qualquer significado taxonómico, sendo comumente empregues de modo algo arbitrário. No entanto, há quem considere que mochos seriam as aves que possuem dois tufos erectos de penas por cima dos olhos (que muita gente confunde com orelhas), enquanto as corujas seriam desprovidas dessa ornamentação. Refira-se que os nomes vulgares habitualmente aceites na literatura científica portuguesa não estão de acordo com esta diferenciação.

A Ordem *Strigiformes* está subdividida em apenas duas famílias: *Strigidae* e *Tytonidae*. Os Estrigídeos incluem a esmagadora maioria das corujas e mochos, enquanto os Títonídeos albergam algumas espécies caracterizadas pelo seu imenso ouvido externo que ocupa quase toda a altura da cabeça. São 7 as espécies que ocorrem regularmente em Portugal e também no Algarve.



A **coruja-das-torres** (*Tyto alba*) é a nossa única representante da família *Tytonidae*. O aspecto desta ave de tamanho médio (90 cms de envergadura de asas) é inconfundível, com os olhos negros destacando-se sobre a penugem branca do disco facial em forma de coração. Vive sobretudo em zonas agrícolas ou rurais, evitando florestas densas ou pinhais e saindo para caçar normalmente logo após o cair da noite ou antes da alvorada. Nidifica na Primavera em habitações humanas, ruínas ou cavidades de árvores, sendo os 4 a 7 ovos incubados, durante cerca de um mês, por ambos os progenitores. Os pais alimen-

tarão as crias durante 2 meses, toda a família consumindo, por essa altura, uma boa meia dúzia de ratos por noite. Se o alimento for abundante, o casal pode reproduzir-se novamente lá para finais do Verão.



O **bufo-real** (*Bubo bubo*) é um dos maiores mochos do mundo, com 1,8 metros de envergadura de asas (tanto quanto uma águia-de-Bonelli), 60 a 70 cms de altura e peso superior a 2 kg. Apenas habita regiões com fraca ocupação humana e pouco acessíveis (montanhas, escarpas, barrancos apertados) onde nidifica em plataformas rochosas ou cavidades de árvores. A época de reprodução pode iniciar-se ainda em Dezembro, prolongando-se até Abril. A postura consiste em 2 a 3 ovos, unicamente incubados pela fêmea que durante cerca de um mês não abandona o ninho, sendo alimentada pelo macho. Um mês e seis semanas após o nascimento as crias já voam, mas mantêm-se no ninho natal durante mais seis meses. Devido ao seu tamanho, este mocho caça mamíferos de tamanho médio (ratazanas, ouriços, coelhos, raposas), não desdenhando outras aves (gralhas, perdizes, patos, mochos mais pequenos) ou mesmo anfíbios e répteis. Sai essencialmente de noite mas, no Verão, pode ser avistado ao anoitecer.



O **bufo-pequeno** (*Asio otus*) é um mocho

de tamanho médio (quase 1 metro de envergadura, 39 cms de altura e um peso de 260-280 gramas). Habita pinhais e outras zonas florestais, bosques ribeirinhos e barrancos com muita vegetação mas, para caçar, procura prados e outras zonas mais abertas. Entra em actividade a partir do anoitecer, voando bastante perto do solo em busca de ratos e musaranhos, suas principais presas. Também costuma pousar num ramo baixo, procurando ouvir os ruídos de algum roedor entre a erva. No Algarve, aparece sobretudo no Inverno, sendo raros os casos confirmados de reprodução. Começa a marcar território a partir de Fevereiro, ocupando quase sempre ninhos abandonados de outras aves como águias, gralhas ou falcões, aí depositando 4 a 6 ovos. A fêmea encarrega-se da incubação que se prolonga durante um pouco menos de um mês. As crias nascem cegas e são depois alimentadas pelos pais durante cerca de dois meses.



O **mocho-pequeno** (*Otus scops*) é a nossa mais pequena ave de rapina nocturna (apenas 50 cms de envergadura). Possui pequenos penachos na parte superior da cabeça que parecem orelhas. Migra em Setembro para o Norte de África, regressando no mês de Março, embora haja aves que se mantêm todo o ano no Algarve. Pode ser mais frequentemente avistado em oliveais, pomares e parques onde nidifica em cavidades das árvores. Geralmente em Maio, a fêmea deposita 2 a 5 ovos que incuba sozinha durante três semanas e meia, sendo alimentada pelo macho. As crias são capazes de voar antes das três semanas de idade, mas mantêm-se junto dos pais quase até ao final do Verão. Este mocho pode caçar pequenos roedores mas prefere alimentar-se de insectos e aranhas nocturnas.

O **mocho-galego** (*Athene noctua*) é apenas um pouco maior do que o mocho-pequeno, não apresentando tufo de penas salientes na cabeça, mas sim "sobrolhos" brancos muito característicos. Vive todo o ano em zonas rurais e parques urbanos onde se refugia na cavidade de uma rocha ou tronco de árvore. É talvez o mocho mais fácil de avistar pois costuma poisar durante o dia em postes isolados. Também tem o hábito de descansar de noite no meio das estradas, sendo vítima frequente de atropelamento. No início da Primavera, a fêmea deposita no ninho 3 a 5 ovos que incuba sozinha durante 28 dias, sensivelmente o mesmo tempo que os jovens necessitam para aprender a voar. Durante o dia, este mocho procura sobretudo minhocas e insectos, enquanto de noite se dedica a caçar roedores e pequenas aves.



A **coruja-do-mato** (*Strix aluco*) é uma ave de tamanho médio (envergadura: 90-100 cms; altura: 40-46 cms), residente todo o ano no Algarve em zonas florestais e parques urbanos. Tem hábitos quase exclusivamente nocturnos caçando, à espreita num ramo de árvore, uma grande variedade de presas (ratazanas, ratos, morcegos, aves, rãs, insectos, etc.). A escolha e defesa dos territórios começa em pleno Outono mas o acasalamento normalmente só ocorre a partir de Fevereiro ou Março. Nidifica em cavidades de troncos ou ruínas, sendo a postura formada por 3 a 4 ovos. A fêmea incuba-os sozinha durante 28 dias. Ao fim de um mês, os jovens já voam, mantendo-se dois a três meses dependentes dos pais. Devido ao seu tamanho, ao habitat urbano e à sua agressividade durante o período territorial, esta coruja provoca alguns acidentes com animais domésticos e também com seres humanos.



A **coruja-do-nabal** (*Asio flammeus*) é uma ave invernante relativamente rara que se reproduz no Centro e Norte da Europa, aparecendo na nossa região durante os meses mais frios do ano (Novembro-Março). Procura então as zonas estuarinas, salinas, sapais, pastos, matos ribeirinhos e terrenos agrícolas que sobrevoa a meia altura, procurando detectar, sobretudo com a vista, roedores, pequenas aves, lagartos, rãs ou invertebrados que constituem o seu alimento. De tamanho médio (envergadura próxima de 1 metro), apresenta penachos da cabeça pouco salientes. Mantém-se activa de dia ou de noite mas é mais frequente avistá-la durante o período crepuscular. Devido aos seus hábitos relativamente diurnos, à época em que nos visitam, ao costume de descansarem no solo, muitas vezes em pequenos grupos, estas corujas tornam-se ao livre frequente de caçadores pouco capacitados.



Os pios dos mochos

As várias espécies de corujas e mochos produzem chamamentos diversificados sobretudo durante a época de reprodução, com o objectivo de assinalarem a sua presença ao companheiro ou a um potencial rival. Aqui fica a transcrição fonética dos pios mais característicos e que podem ser ouvidos em www.brinzal.org

Coruja-das torres	cree-cree-cree	Março-Maio	guincho prolongado, áspero e em crescendo
Bufo-real	u-hu...u-hu...u-hu	Dezembro-Fevereiro	pio profundo, repetido até 100 vezes, audível a grande distância
Bufo-pequeno	hooo...hooo...hooo	Fevereiro-Abril	pio baixo, repetido 10 a 200 vezes
Coruja-do-nabal			geralmente silenciosa fora da época de reprodução
Mocho-pequeno	túí...túí...túí...tuu...tuu...tuu	Março-Maio	pio monótono, metálico, repetido de 3 em 3 segundos
Mocho-galego	qui-u...qui-u...qui-u	Fevereiro-Maio	guincho alto, agudo e ressonante
Coruja-do-mato	huu...huhuhuhuu...hu	Novembro-Março	guincho longo e trémulo

Gato-bravo-europeu

Reino: Animal
Filo: Cordados
Classe: Mamíferos
Ordem: Carnívoros
Família: Felídeos
Gênero: *Felis*
Espécie: *Felis silvestris*
Subespécie: *F. s. silvestris*

Caracterização

Gato robusto, de cabeça larga, focinho pouco proeminente e patas relativamente curtas. Pêlo geralmente castanho-acinzentado com riscas negras distribuídas por todo o corpo à exceção do ventre. Característica linha dorsal negra entre o pescoço e a base da cauda. Esta é particularmente grossa e bastante comprida, apresentando 3 a 5 anéis negros e a ponta também negra. **Comprimento:** 90 cm (cauda: 30 cm). **Altura** (no garrote): 40 cm. **Peso:** 3,5 kg (fêmeas); 5 kg (machos).

Distribuição

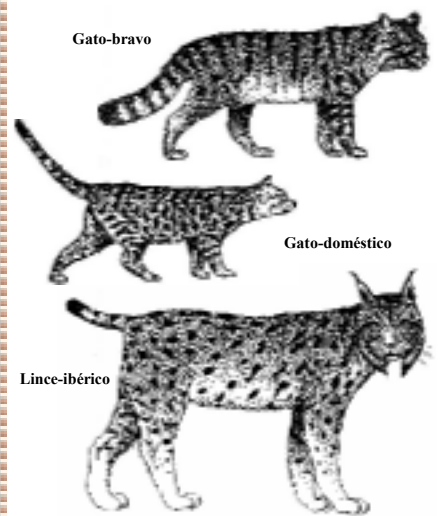
O gato-bravo-europeu distribuiu-se desde a Península Ibérica, por algumas zonas da Europa Central e Oriental, Escócia, Itália, Grécia e Turquia até ao Cáucaso. No Algarve, habita apenas as regiões menos humanizadas do interior, Baixo Guadiana e Costa Vicentina.

Proteção

Espécie estritamente protegida uma vez que consta do Anexo II da Convenção de Berna e do Anexo IV da Directiva dos Habitats (espécie que exige uma protecção rigorosa). A nível global da espécie, a UICN (2007) considera o seu estado de conservação como de "preocupação menor", mas o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (ICN, 2006) atribuiu-lhe a classificação de espécie "vulnerável".

Espécies semelhantes

O **gato-doméstico** (*Felis silvestris catus*) é o único animal que habitualmente se poderá confundir com o gato-bravo, tanto mais que existem muitos indivíduos vadios ou assilvestrados, isto é, só até certo ponto dependentes do ser humano ou inteiramente selvagens, os quais podem ser encontrados em espaços naturais habitados pelo gato-bravo. São, no entanto, gatos menos corpulentos, de coloração muito variável e sem a característica cauda espessa e anelada deste último. O **lince-ibérico** (*Lynx pardinus*) é um gato bastante maior (comprimento até 1,2 metros, 60 a 70 cm de altura no garrote, peso superior a 10 kg) presumivelmente já extinto em Portugal.



doméstico e conseqüente perda de vitalidade genética, são outras tantas ameaças à sobrevivência do gato-bravo na nossa região.



O gato-bravo (*Felis silvestris*) surgiu na Europa durante o Plistoceno, há cerca de 1,5 milhões de anos atrás. Cedo conquistou os continentes asiático e africano, aí originando diferentes subespécies. Pensa-se que as populações do sul da Península Ibérica (anteriormente incluídas numa subespécie separada, mas hoje reintegradas na subespécie europeia *Felis silvestris silvestris*), as quais se caracterizam pelo grande tamanho dos seus indivíduos, são aquelas que mais se assemelham aos antepassados pliocénicos. Por sua vez, os antigos Egípcios encarregaram-se de domesticar o gato-bravo-africano (*Felis silvestris lybica*), o qual acabou posteriormente por ser trazido para a Europa por Gregos e Romanos, transformando-se no hoje cosmopolita gato-doméstico (*Felis silvestris catus*). Aqui veio encontrar o seu parente selvagem, com quem aliás se tem vindo a hibridar em várias regiões europeias, sendo a Península Ibérica um dos locais onde esse fenómeno é aparentemente menos acentuado.

O gato-bravo habita todo o tipo de bosques e matagais, com áreas rochosas e de vegetação cerrada onde se possa refugiar e zonas de caça mais abertas. Evita plantações florestais, áreas agrícolas e outros ambientes particularmente humanizados. A dieta pode variar consoante a disponibilidade de presas. Se os coelhos abundarem, o gato-bravo faz deles o prato principal, podendo em alternativa dedicar-se a



caçar ratos. Quando uns e outros escasseiam, procura apanhar musaranhos, toupeiras, lagartixas, aves e até cadáveres de animais maiores.

Os machos, solitários, estabelecem um território muito variável (entre 30 a 1200 hectares) e que normalmente se sobrepõe ao de várias fêmeas. A sinalização é feita com marcas odoríferas (urina, secreção almiscarada das glândulas anais) e visuais (deposição de excrementos em locais expostos, arranhadelas no tronco de árvores). Durante o dia, o gato-bravo mantém-se escondido em tocas abandonadas de outros animais ou em cavidades nas árvores ou nas rochas. Em regiões mais sossegadas pode ter alguma actividade diurna. Sai normalmente ao anoitecer para percorrer silenciosamente o seu território e caçar as suas presas através de uma aproximação lenta e cautelosa ou esperando por elas no alto de um ramo de árvore ou de um rochedo. Para além de bom trepador, o gato-bravo nada com bastante desenvoltura.

O período de reprodução inicia-se em Janeiro, por vezes um pouco antes. O macho pode acasalar com várias fêmeas que, na altura do cio, miam com frequência. A gestação dura 9 a 10 semanas, nascendo, geralmente em Maio, duas crias, por vezes até sete, cegas mas já cobertas de pêlo. A fêmea cuida sozinha dos filhos durante 5 meses, mas a partir dos três meses de idade eles já começam a acompanhar a mãe nas suas caçadas. Aos 10-12 meses são sexualmente maduros, vivendo, no máximo, uns 15 anos.

O gato-bravo compete com a raposa e outros carnívoros pelos seus principais recursos alimentares (coelho, roedores). O desaparecimento do lince-ibérico poderá eventualmente ter uma influência positiva sobre a densidade da população de gatos-bravos, pois aquele grande felídeo não tolerava bem a presença de outros predadores no seu território. O principal inimigo do gato-bravo é actualmente o ser humano que o persegue sem dó nem piedade no interior das coutadas de caça que cobrem já a maior parte do interior algarvio. A perda de habitats apropriados (por desmatamentos e limpezas inadequadas, plantação de eucaliptos e pinheiros) e a sua fragmentação (urbanização crescente no Barrocal, construção de infra-estruturas rodoviárias e grandes barragens), para além da hibridação com o gato-



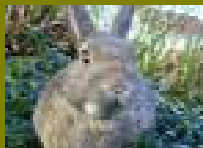
Coelhos, vírus, lince e caça



◆ O coelho-europeu (*Oryctolagus cuniculus*) é uma espécie originária da Península Ibérica. Tal era a abundância deste animal que os Fenícios chamaram a essa terra *Ishapanim* (de onde terá resultado o vocábulo latino *Hispania*), que significa “terra dos daimões”, pois terão confundido o coelho com o daimão (*Procavia capensis*), animal que vivia e ainda hoje vive no Médio Oriente.



◆ Todas as raças actualmente existentes de coelho-doméstico derivam das populações selvagens de coelho ibérico, inicialmente domesticado pelos Romanos. Por seu lado, o coelho bravo já proliferava no séc. XI na Grã-Bretanha, tendo mais tarde sido levado até zonas bem distantes como a Austrália. Aqui, a partir de apenas 24 animais introduzidos em 1859, e dada a ausência de predadores naturais, o coelho rapidamente se tornou uma espécie invasora, com uma população estimada em 600 milhões de indivíduos cerca de um século depois.



◆ A mixomatose é uma virose inicialmente descoberta no coelho-americano (*Sylvilagus sp.*) onde provoca sintomas pouco graves. Testada na Austrália a partir de 1938 em coelhos-europeus, cedo se revelou uma arma poderosa no controlo da população local. Introduzido em França em 1952, para matar coelhos numa propriedade agrícola, o vírus tinha, dois anos depois, dizimado já 90% da população de coelhos em todo o país. Noutros locais, como a Grã-Bretanha e a Península Ibérica, o efeito foi igualmente fulminante.



◆ O vírus da pneumonia hemorrágica dos coelhos (RHDV) terá surgido na China nos anos 80. Em 1988 chegou à Europa, provocando uma nova hecatombe em coelhos bravos e domésticos (90% de mortalidade nos animais infectados).

◆ Em resultado das duas epidemias (mixomatose, RHDV), que ainda se encontram activas, as populações ibéricas de coelho-bravo sofreram uma redução de mais de 90% nos últimos 50 anos. Esta é uma das mais drásticas quedas de um vertebrado na Península Ibérica e possivelmente em toda a Europa. De acordo com os critérios da IUCN, uma espécie nestas condições deveria passar a ser catalogada com espécie “em perigo”. No entanto, no Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (ICN, 2006) o coelho é considerado apenas como espécie “quase ameaçada” e continua a ser alvo prioritário de caça em todo o nosso país.



◆ Analisando a evolução recente das populações de lince-ibérico (*Lynx pardinus*), rapidamente se chega à conclusão que existe uma correlação directa entre o drástico declínio deste felídeo em perigo de extinção e a rarefacção de coelhos bravos que constituem o seu principal alimento (redução de 95% dos efectivos populacionais de lince nos últimos 50 anos).



◆ Perante isto, a sobrevivência das populações remanescentes de lince-ibérico em Espanha e a sua eventual reintrodução em Portugal, teria, antes de mais, por passar pela interdição da caça ao coelho em zonas linceiras, actuais ou potenciais. Mas essa não é certamente a opinião do lobby cinegético e dos poderosos interesses económicos e políticos que giram à sua volta.

Nerinea algarbiensis

Nas lajes areníticas da Ponta da Calheta, na extremidade ocidental da Praia da Luz (Lagos), podem facilmente observar-se fósseis bastante bem conservados de um búzio (molusco gasterópode prosobrânquio) que recebeu o sugestivo nome de *Nerinea algarbiensis*. O grupo a que pertence este animal é um dos poucos grupos de Gasterópodes actualmente já extintos. Possuíam conchas alongadas e muito robustas, de certo modo semelhantes às de cerite-comum (*Cerithium vulgatum*), um seu parente afastado que pode hoje ser encontrado entre o lodo de estuários e rias. *Nerinea algarbiensis* também vivia em fundos arenosos junto ao litoral, com águas pouco profundas, quentes e intensamente sujeitas à acção das marés. Mas isso foi já há cerca de 120 milhões de anos atrás, no Cretácico Inferior, altura em que os dinossauros ainda reinavam no Algarve.



Pequenos



patinadores

Valter (Castro Marim) pediu-nos para identificar este insecto aquático presente na Rib^a do Beliche. “Têm cerca de 1 a 2 mm e costumam andar sempre a planar à superfície da água, mas são daqueles mais minúsculos”. Pois bem, deve tratar-se de um alfaiate-de-ombros-largos (*Microvelia sp.*) que por vezes pode ser visto em grande número sobre a água de charcos, valas e zonas calmas de ribeiras, procurando apanhar pequenos crustáceos e insectos de que se alimenta mediante o seu aguçado “bico” sugador. Usa as seis patas para deslizar sobre a água, ao contrário do sapateiro ou alfaiate-comum (*Gerris lacustris*) que avança ou salta apoiando-se apenas nas patas posteriores e intermédias, bem mais longas que as anteriores. Estes animais são geralmente ápteros mas, de vez em quando, surge uma geração com asas encarregue de colonizar novos espaços.

BIOESFERA

Ratoeira vegetal

Charles Clarke, investigador da Universidade James Cook (Townsville, Austrália) encontrou uma nova espécie de planta-jarro (*Nepenthes tenax*), endêmica da região de Cape York (Queensland). O grande interesse desta desco-



berta reside no facto de esta planta carnívora não se contentar apenas em apanhar insectos e aranhas com as suas folhas transformadas num jarro escorregadio e mortal. Na verdade, o cientista australiano detectou aí restos meio digeridos de pequenos ratos atraídos pelos aromas produzidos em glândulas especiais à entrada da armadilha.

Sengi gigante

Câmaras de controlo remoto utilizadas para estudar a fauna florestal das Montanhas Udzungwa na Tanzânia, revelaram a presença de um novo musaranho-elefante ou sengi, descoberta agora confirmada por uma expedição do Museu de História Natural de Trento e da National Geographic Society. Trata-se do sengi-de-face-cinzenta (*Rhynchocyon udzungwensis*), um animal do tamanho de uma ratazana grande e pesando 700 gramas, cerca de 25% mais do que qualquer outro musaranho-elefante, animais insectívoros apenas superficialmente parecidos com os musaranhos e parentes próximos dos elefantes. Foram detectadas apenas duas populações desta nova espécie que habitam uma zona ainda pouco explorada da floresta. Recorde-se que nas remotas Montanhas Udzungwa têm sido recentemente descobertas muitas outras espécies, nomeadamente uma nova espécie de macaco (ver madressilva nº 5).



Disfarces de pássaro

Após uma década de observações no campo, dois ornitólogos indonésios com a ajuda de uma investigadora da Michigan State University (EUA) conseguiram comprovar a presença de uma nova espécie de olho-branco nas ilhas Togian, a leste de Sulawesi. O olho-branco-de-Togian (*Zosterops somadikartai*) é um pequeno



pássaro esverdeado que, ao contrário dos seus parentes mais próximos, não apresenta o característico anel branco de penas em volta dos olhos, circunstância que intrigou e confundiu durante muito tempo os seus descobridores. Tudo leva a crer tratar-se de uma espécie endêmica e bastante pouco comum, devendo ser tomadas medidas para proteger o seu habitat.

Traços ancestrais de vida

Até agora, a origem biológica dos estromatólitos mais antigos constituía apenas uma hipótese, por vezes apresentada, em muitos manuais de Biologia, como exemplo comprovado das primeiras manifestações de vida na Terra. Sabe-se que os estromatólitos actuais se formam realmente a partir da transformação química de bicarbonato de cálcio (insolúvel em água) em carbonato de cálcio (solúvel) por acção de certas cianobactérias. Estas vivem à superfície da rocha que vai crescendo formando estruturas características em forma de couve-flor. Mas os sinais da acção de microrganismos só eram até hoje claramente comprovados em estromatólitos no máximo com 350 milhões de anos de idade, muito longe das estruturas mais antigas que se conhecem, formadas há 3,5 biliões de anos atrás. Recentemente, uma equipa franco-americana das Universidades de Paris e de Stanford conseguiu detectar traços de aragonite no interior de estromatólitos australianos com 2,7 biliões de anos. A aragonite é uma forma de carbonato de cálcio instável produzida por acção de microrganismos e que, na sua ausência, rapidamente se transforma em calcite. O próximo desafio é recuar apenas mais 800 milhões de anos...



Refúgio secreto de andorinhas

Muita gente gosta das andorinhas e preocupa-se com a protecção dos seus tradicionais locais de nidificação quando regressam de África no início da Primavera. No entanto, pouco se sabe e pouco normalmente se pode fazer relativamente aos seus refúgios de Inverno. Membros da Wildlife Conservation Society acabam de descobrir no sudeste da Nigéria uma das maiores colónias de andorinhas-das-chaminés (*Hirundo rustica*) até agora conhecidas, onde todas as noites se juntam para dormir milhões de andorinhas. Esta é a segunda grande colónia descoberta na zona de



Cross River na antiga região de Calabar, mas ambas estão bastante ameaçadas pelo desenvolvimento das actividades agrícolas e pela captura de andorinhas como alimento facilitada pela enorme concentração de aves. WCS procura agora sensibilizar as autoridades locais de modo a englobar este novo local no vizinho Cross River National Park.

Reprodução alienígena

Natividad Pérez e outros investigadores da Estação Biológica de Doñana descobriram dois casos de reprodução bem sucedida de tartaruga-da-Flórida (*Trachemys scripta*) na zona oeste da Andaluzia.



Um dos locais situa-se precisamente junto de um dos centros de interpretação mais visitados do Parque Nacional de Doñana (El Acebuche), enquanto o outro se localiza numa lagoa perto de El Portil (Huelva), a pouco mais de 20 km de distância da fronteira com o Algarve. Até agora, eram escassos os relatos de êxito reprodutor desta espécie exótica, na sequência de libertações na natureza de adultos criados como animais de companhia. Nas lagoas de El Acebuche, a tartaruga-da-Flórida era já a espécie de cágado mais abundante, suplantando qualquer das duas espécies nativas que revelam alguma dificuldade em competir com o parente americano devido ao período de actividade mais extenso deste último.

Nova raiz do Reino Animal

A análise de seqüências genéticas de um cada vez maior número de seres vivos está a tornar obsoletos os modelos de evolução da vida que ainda hoje aparecem na maior parte dos manuais e livros de divulgação. Uma equipa internacional de cientistas liderada por Casey Dunn da Brown University (EUA) acaba de desalojar as esponjas (Filo Porifera) do título de animais mais primitivos actualmente existentes. Na base do Reino Animal deverão agora ser colocados os ctenóforos (Filo Ctenophora), um grupo de animais parecidos com as medusas, que inclui espécies como o cinto-de-Vénus (*Cestus veneris*) ou o beroé (*Beroe ovata*). O problema é que estes animais apresentam uma estrutura bem mais complexa que as esponjas pelo que se deve agora colocar a hipótese de estas se terem simplificado bastante durante o curso da evolução.



Patagónia sem barragens

Dois rios ainda verdadeiramente livres e selvagens estão em perigo na região da Patagónia, no sul do Chile. A companhia espanhola Endesa propõe-se construir várias barragens nos rios Baker e Pás-cua, que provocariam a inundação de milhares de hectares de bosques e pradarias praticamente desabitados e ainda pouco explorados, habitats de grande importância para uma fauna excepcional que inclui o guemul (*Hippocamelus bisulcus*), o veado mais ameaçado da América. O carácter remoto desta região implicará a construção de milhares de quilómetros de linhas de alta tensão para fazer chegar a energia gerada nas barragens até às zonas mais populosas e industrializadas do norte do Chile, o que por si só demonstra o carácter insustentável deste projecto (mais informação em www.patagoniasinrepresas.cl).



BIOSSFERA

Primeiras páginas da EOL

As primeiras 30 mil páginas da Encyclopedia of Life (EOL) foram publicadas online em 27 de Fevereiro passado. Concebida como uma ferramenta a ser utilizada por todos os que se interessam pelo mundo vivo, a EOL está a ser desenvolvida numa original colaboração entre cientistas e público em geral. Trata-se essencialmente de um microscópio ao contrário, um macroscópio que permitirá aos seus utilizadores distinguir tendências na extraordinária biodiversidade do nosso planeta. Constituirá também o mais sofisticado guia de campo online, incluindo sequências de DNA e muitas outras informações relativas a cada espécie. A ideia original sobre a necessidade de um retrato mais dinâmico e actual sobre a vida na Terra foi avançada em 2003 pelo célebre cientista americano Edward O. Wilson. Até 2017 prevê-se que todas as 1,8 milhões de espécies hoje conhecidas e muitas outras entretanto descobertas, venham a ser incluídas nesta gigantesca enciclopédia. Actualmente estão disponíveis 30 mil páginas de espécies com informação ainda incompleta e 24 páginas completas que nos dão uma ideia do que será a EOL do futuro. Foram também criadas um milhão de páginas com informação mínima a ser complementada pouco a pouco por dados validados por editores especializados. A consultar sem restrições desde já (www.eol.org).



Kiribati na frente

A República de Kiribati, que compreende umas três dezenas de atóis e ilhas no meio do Oceano Pacífico, não era, até hoje, propriamente um dos países mais conhecidos do mundo. Passou agora a ser um dos líderes internacionais na conservação da natureza ao ampliar para 410.500 km² (uma área 4,6 vezes maior que Portugal Continental mas que corresponde apenas a 12% do vastíssimo território daquela nação insular) a Phoenix Islands Protected Area, inicialmente criada em 2006. Esta zona protegida passa a ser a maior reserva marinha a nível mundial, ultrapassando a reserva norte-americana do Havai também criada em 2006 (ver madressilva nº 5). A reserva abrange recifes de corais, picos submarinos e áreas abissais espalhados por centenas de quilómetros de oceano tendo até agora aí sido inventariadas mais de 120 espécies de coral e 520 espécies de peixes, para além de importantes locais de reprodução para aves pelágicas e tartarugas.



A criação da reserva implicou, no entanto, uma quebra nas receitas de pesca, o que será compensado através de fundos internacionais que apoiam esta importante iniciativa numa zona do globo ameaçada justamente pelo esgotamento dos recursos pesqueiros e pela subida do nível do mar derivada do aquecimento global do planeta.

Mogno sustentável

Um grupo de aldeias situadas em plena floresta tropical no nordeste das Honduras, até agora envolvidas no corte e tráfico ilegal de mogno, decidiu criar uma cooperativa para explorar de forma mais sustentável a sua floresta. O mogno é uma madeira



preciosa de cor avermelhada produzida por árvores aparentadas com a mélia e incluídas no género *Swietenia*, todas elas protegidas pela Convenção CITES. Os aldeões vão agora cortar apenas árvores caídas ou situadas nas orlas das zonas protegidas, evitando o uso de maquinaria pesada. O seu primeiro cliente é o conhecido fabricante de guitarras Gibson e, em breve, uma empresa criada para o efeito (Tegu Toyworks) irá comercializar em todo o mundo brinquedos de mogno produzido desta forma sustentável.

Notícias do lince

Um lince-ibérico (*Lynx pardinus*) proveniente da população da Sierra Morena (Andaluzia) já percorre livremente o interior do Parque Nacional de Doñana desde inícios do ano. Trata-se de um macho, baptizado *Baya*, que é o primeiro de um conjunto de animais a transferir no futuro próximo de modo a reforçar a população linceira daquele Parque Nacional, recentemente afectada por um surto de leucemia felina que vitimou alguns lincos. Deste modo, se inicia também uma experiência que poderá vir a ser muito útil com vista às previstas reintroduções de animais criados em cativeiro noutros pontos do sul de Espanha e em Portugal, daqui a alguns anos.

A população de lincos da Sierra Morena parece estar a aumentar gradualmente. Em 5 anos terão aí nascido 164 animais, enquanto em Doñana apenas nasceram 64. Por seu lado, o programa andaluz de criação em cativeiro contribuiu, até agora, com 11 lincos nascidos no Centro de El Acebuche (Doñana), prevendo-se a breve prazo a entrada em funcionamento de mais dois centros.

Entretanto, de Castilla-la-Mancha chegaram ótimas notícias, pois na região sudeste foi confirmada a presença de, pelo menos, 14 lincos, o que indica a existência de uma terceira população deste animal no sul de Espanha. As autoridades daquela comunidade autónoma apressaram-se a anunciar o projecto de construir mais um centro de criação em cativeiro, mas um responsável de Ecologistas en Acción veio recordar que "de nada serve criar lincos se se é incapaz de conservar os que existem em liberdade".



<p>PELA CONSERVAÇÃO DAS ESPECIES E HABITATS NATURAIS</p> <h1>madressilva</h1> <p>Nº 11 - PRIMAVERA 2008</p> <p>madressilvainfo@sapo.pt</p> <p>Director: João A. Santos Propriedade: Associação Almargem Alto de S. Domingos, 14 8100-756 Loulé Tel.: 289412959 Fax: 289414104 www.almargem.org</p> <p>Impressão: Gráfica Comercial (Loulé)</p> <p>Registo ERC nº 125194 - Depósito Legal nº 260792/07 Impresso em papel isento de cloro - Tiragem: 1500 ex.</p>	<p>Créditos das ilustrações: Pg. 1: logo - Microsoft ClipArt; coruja - SparkyFaisca. Pg. 2 e 3: joaninha - Dominik Stodulski (GNU-FDL); toupeira - www.wildcru.org; terfezia - www.terebess.hu; dente-de-leão - Waugsberg (GNU-FDL); cuco - SparkyFaisca; barbo - http://bdb.cth.gva.es; alga - Keith Hiscock (www.marlin.ac.uk); medusa - BS Thumer Hof (Wikimedia Commons); boca - Chris Lukhaup (www.fiddercrab.info); lagartixa - Pascal Dubois (http://pdubois.free.fr). Pg. 4: 2 - www.ugr.es; 4 - www.biosgallery.com; 7 - Creative Commons. Pg. 5: camarão - Filomena Campos; lontra - Mark Kyne; guarda-rios - SparkyFaisca; morcego-rato - Filomena Campos. Pg. 6 e 7: desenho - Steven d'Amato (www.audubon.org); coruja-das-torres - Stevie B (Creative Commons); bufo-real - E. van Herk (GNU-FDL); bufo-pequeno - SparkyFaisca; coruja-do-nabal - www.itiofauna.org; mocho-pequeno - www.brinzal.org; mocho-galego - SparkyFaisca; coruja-do-mato - Chrumps (GNU-FDL). Pg. 8: desenho a cores - www.itiofauna.org; desenhos a preto e branco - João E. Pinto; foto - Michal Slovák (www.zoogaleria.wz.sk). Pg. 9: coelho e cria - http://picasaweb.google.com; daimão - Hans Hillewaert (Creative Commons); coelho-doméstico - Gerbil (GNU-FDL); coelho com mixomatose - www.greenfieldrescue.co.uk; lince - www.lynxesitu.es. Pg. 10 e 11: planta-jarro - www.captiveexotics.info; estromatólitos - Paul Harrison (GNU-FDL); sergi - California Academy of Sciences; andorinha - Jörg Hempel (Creative Commons); beróe - www.luciopecse.net; olho-branco - Agus Prijo; tartaruga-da-Florida - Thomas C. Brennan (www.reptilesociety.com); Rio Baker - www.patagoniasinpresas.cl; EOL - www.eol.org; raia - Cat Holloway (www.phoenixislands.org); mogno - http://news.bbc.co.uk; lince - www.lynxesitu.es. Pg. 12: foto superior - H. St. John (www.botany.hawaii.edu); foto intermédia - Forest & Kim Starr (USGS); foto inferior - R. Yokoyama (www.centerforplantconservation.org); alula - Steven Perlman (www.botany.org). Ilustrações restantes: Almargem.</p> <p>Bibliografia: Pg. 2 e 3 - Soler, J.J. (2003) "Críalo Europeo" (www.vertebradosibericos.org); Creaciois, J. (2007) "Topo ibérico" (www.fauaiberica.org); Budd, G. & Pizzola, P. (2007) "Gut Weed" (www.marlin.ac.uk); Heard, J.R. (2004) "Moon Jellyfish" (www.marlin.ac.uk); Faria, M.M. (1995) "Aspectos do comportamento das bocas-de-cavalete no Parque Natural da Ria Formosa" (PNRF); Almeida, N.F. et al. (2001) "Anfíbios e Répteis de Portugal" (FAPAS); Rogado, L. (2001) "Peixes do Parque Natural do Vale do Guadiana" (ICN). Pg. 4 - Plano Sectorial da Rede Natura 2000 (ICN, 2006); Pinto-Gomes, C.J. e Paiva-Ferreira, R. (2005) "Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio" (CCDRAlgarve); Malato-Beliz, J. (1982) "A Serra de Monchique" (SNPRPP); Malato-Beliz, J. (1986) "O Barrocal Algarvio" (SNPRCN). Pg. 6 e 7 - Plano Sectorial da Rede Natura 2000 (ICN, 2006); http://en.wikipedia.org; www.fauaiberica.org; www.owlpages.com. Pg. 8 - Lozano, J. (2007) "Gato montês" (www.vertebradosibericos.org); Plana, M. (2006) "Gato montês" (www.fauaiberica.org); http://camivora.fc.ul.pt; SIPNAT (www.icn.pt). Pg. 12 - www.centerforplantconservation.org; www.state.ni.us; www.arkive.org.</p>
---	--

Publicação co-financiada por:		UNIÃO EUROPEIA FUNDO EUROPEU DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL		AGÊNCIA NACIONAL PARA A CULTURA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA		2010	Apoio: DREALG Direção Regional de Educação do Algarve
-------------------------------	--	--	--	--	--	------	---



Olulu

uma planta notável à beira da extinção

A maior parte das plantas pioneiras em ilhas oceânicas de origem vulcânica são espécies herbáceas, particularmente bem adaptadas a dispersar-se a grandes distâncias. Ao longo do tempo, e na ausência de outras plantas competidoras, algumas dessas ervas acabam por evoluir, transformando-se em plantas lenhosas, uma característica por vezes pouco comum na respectiva família de origem.

entretanto introduzidas nestas ilhas, consumo por animais herbívoros, catástrofes naturais (deslizamento de terras, furacões) e o desaparecimento de polinizadores naturais.

As grandes flores de olulu aparecem entre Setembro e Novembro e são muito ricas em néctar, produzindo uma fragrância característica. Para assegurar a respectiva polinização, tendo em conta a sua forma tubular, torna-se necessária a intervenção de polinizadores especializados como certas borboletas da família dos Esfingídeos dotadas de línguas longas e enroladas.

Os pequenos frutos verdes amadurecem 6 a 8 semanas após a polinização, abrindo-se em duas metades e libertando inúmeras sementes.

Esta espécie ultrapassou já o limite crítico além do qual a taxa de polinização e disseminação natural das sementes se torna insuficiente



Foi exactamente isso que se passou com a olulu, uma curiosa planta, outrora bastante comum nas falésias basálticas de várias ilhas do arquipélago do Havai, mas hoje reduzida a duas minúsculas populações na ilha Kauai, com menos de 10 plantas no total.

Na verdade, esta campanulácea de caule lenhoso, prima afastada das nossas campainhas ou da vidália dos Açores, quase desapareceu do seu habitat natural nas últimas décadas. As razões para este drástico declínio são múltiplas e incluem a competição com plantas exóticas



Olulu

Reino: Plantas
Filo: Traqueófitas
Classe: Magnoliopsidas
Ordem: Campanulales
Família: Campanuláceas
Género: *Brighamia*
Espécie: *Brighamia insignis*

Caracterização

Planta caracterizada pelo caule suculento, bulboso na base e mais delgado no topo, por vezes ramificado, de onde emerge uma coroa de folhas ovais, brilhantes, carnudas e coriáceas, com 10 a 20 cm de comprimento. As flores são amarelas ou creme, grandes (7 a 14 cm) e possuem as pétalas fundidas numa espécie de tubo, surgindo em grupos de 3 a 8 na axila das folhas. O fruto é uma cápsula esverdeada com 13 a 19 mm e encerra numerosas sementes. **Altura:** 1 a 2 metros.

Distribuição

Planta endémica do Arquipélago do Havai (USA). Em tempos mais recentes, foi encontrada apenas nas ilhas Niihau e Kauai. Actualmente subsistem apenas duas reduzidas populações selvagens na ilha Kauai que, no total, não incluem mais do que 7 indivíduos maduros.

Protecção

Espécie considerada como "gravemente em perigo de extinção" pelo último relatório da UICN (2007). Estritamente protegida pela legislação norte-americana.

Espécies semelhantes

Existe apenas uma outra espécie do mesmo género, a *alula* (*Brighamia rockii*), também endémica do Arquipélago do Havai, mas actualmente existente apenas na ilha Molokai. Está igualmente considerada como "gravemente em perigo de extinção", contando com menos de 50 indivíduos selvagens. Possui flores brancas e é geralmente de maior tamanho e mais resistente que a olulu.



Brighamia rockii

para manter a viabilidade das populações selvagens. Alguns voluntários têm vindo a assegurar a polinização manual das plantas que ainda sobrevivem no habitat natural, mas essa intervenção não afasta os enormes riscos de declínio genético da espécie, muito antes pelo contrário. Por isso, cientistas e criadores de plantas têm vindo a juntar esforços no sentido de manter várias populações de olulu em jardins botânicos e estufas, no Havai e noutras partes do mundo, as quais permitirão reforçar as populações naturais e proceder a reintroduções em áreas outrora ocupadas por esta fascinante planta.